

## Paisagem cultural:

### *Geopoética na obra Indez*

Eneide Mesquita

**RESUMO:** O objetivo deste texto é propor uma leitura da obra *Indez*, de Bartolomeu Campos de Queirós, à luz do conceito geográfico de paisagem cultural. No diálogo entre literatura e geografia, busca-se observar não só como se dá a representação paisagística na narrativa, mas também como ela está carregada de significados que contêm indícios culturais de um povo e de uma região.

**Palavras-chave:** Literatura. Paisagem Cultural. Indez.

**ABSTRACT:** The aim of this essay is to propose a reading of the book *Indez (Nest Egg)*, by Bartolomeu Campos de Queirós, in the light of the geographical concept of cultural landscape. In the dialogue between literature and geography, we seek to observe not only how the landscape representation occurs in the narrative, but also how it is loaded with meanings that carry the evidence of a people's culture and a region.

**Keywords:** Literature. Cultural Landscape. Indez.

**I**ndez (1989), de Bartolomeu Campos de Queirós, é um livro dividido em quatro capítulos nomeados por marcações temporais – “Louvor da manhã”, “A força da Hora nona”, “Plenitude do meio-dia” e “As horas completas” –, fazendo referência à passagem das horas do dia, da alvorada ao anoitecer, nas quais encontramos representações poéticas da vida cotidiana do interior de Minas Gerais, espaços nos quais Bartolomeu viveu durante a sua infância. É nesse espaço geográfico que o autor, por meio de suas reminiscências, resgata os valores e as tradições culturais do homem rural, numa espécie de inventário dos costumes, da sabedoria popular, da leitura coletiva dos fenômenos naturais, dos ditados que governam a vida, das crendices que curam as doenças, da religiosidade, das relações familiares e de todo o território sociocultural em que se insere e que o formou.

Ao elaborar uma proposta de leitura sob o viés da paisagem reinventada e expressa, poeticamente, na escrita de *Indez*, ressalta-se, por meio da percepção subjetiva, a expressão material e simbólica do sentido da paisagem. Nessa perspectiva, para falar sobre paisagem nesta obra, faz-se necessário trazer uma citação do geógrafo Milton Santos sobre o conceito de paisagem cultural. Segundo Santos (1988, p. 21), “tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de

volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons etc.”, ou seja, a paisagem cultural é formada não só por sua materialidade (o que há de concreto, objetivo), mas também por sua imaterialidade (o que há de abstrato, subjetivo).

A observação e a interpretação da paisagem são pontos de partida para o entendimento das relações entre sociedade e natureza, o que nos ajuda a compreender melhor o mundo em que vivemos. Não há dúvida de que os processos sociais moldam as diferentes paisagens, em uma relação de intensa interdependência. Portanto, a análise da paisagem é reveladora do social. Dessa maneira, a leitura da paisagem pode nos levar a entender as múltiplas combinações e conflitos de fenômenos – da natureza, das relações sociais, da cultura, da economia e da política.

No debate contemporâneo sobre a paisagem, a literatura tem sua palavra, porque nos fornece, frequentemente, a mais forte expressão deste “mundo vivido”. A literatura, portanto, é campo fértil para pensar a experiência da paisagem, porque podemos identificar, na subjetividade manifesta no texto, o espaço de interação reflexiva entre sujeito e ambiente que, se no texto manifesta-se pela via da linguagem, no espaço configura-se como paisagem.

Em *Indez* vemos o contar e o cantar das paisagens mineiras. Bartolomeu, por meio de suas reminiscências, resgata os valores e tradições culturais do interior de Minas. A paisagem é matéria-prima para a composição da obra, na qual o autor ressalta

as relações culturais, sensoriais, simbólicas e mnemônicas que unem o homem aos lugares.

A paisagem, nesse sentido, será revelada ao leitor como portadora de ressonâncias subjetivas, que se fazem acompanhar de valores éticos e estéticos, construídos a partir das vivências individuais e coletivas do menino Antônio nos espaços da pequena cidade. O escritor descreve, a um só tempo, uma imagem do mundo e uma imagem do eu, ou seja, é “sujeito e objeto de sua própria escrita” (COLLOT, 2013, p. 21). Antônio reverbera na paisagem suas percepções, seus valores, seus sentimentos, ao passo que compõe uma imagem de uma época, de uma cultura, de uma comunidade e de uma família em constante transformação. Para Collot, a “paisagem é sempre vista por alguém de algum lugar [...] Ela se revela numa experiência em que sujeito e objeto são inseparáveis” (COLLOT, 2013, p. 21). A paisagem, portanto, não existe apenas objetivamente fixada nos objetos que compõem o cenário da vida, mas surge de sua relação com o sujeito que observa e vive essa relação íntima com os cenários da vida, e isso depende de uma perspectiva e de uma percepção que só podem ser subjetivas.

É a partir dessa percepção da paisagem que adentramos a narrativa e reconhecemos o cenário. Sob o título “Louvor da manhã”, em correspondência ao nascer do dia, no primeiro capítulo de *Indez* somos direcionados a abrir a *janela* e conhecer as paisagens que compõem as experiências dos espaços e lugares físicos, impregnados de subjetividade e afetividade, a delimitar e

construir os territórios do real e do imaginário de Antônio, em seus primeiros meses de vida. Nesse primeiro capítulo, como é prenunciado pelo título, somos convidados a assistir – como quem abre a janela bem cedinho e dela observa o alvorecer do dia – às primeiras descobertas do menino Antônio neste lugar familiar. Já no primeiro parágrafo, o narrador descreve o cenário onde decorre a história, que contará ao seu leitor de um lugar dividido em duas imagens, a *estação das águas* e a *estação da seca*:

A gente só conhecia a estação das águas e a estação da seca. Era um lugar onde o ano estava dividido em sol e chuva, entremeadado com casamento de viúva – sol e chuva ao mesmo tempo – enfeitado de arco-íris. [...]

No tempo das águas, eram as enchentes com o gado subindo para o cume da serra, correndo da morte. [...]

Com a estação da seca vinham os banhos de rios depois de engolir piabas vivas, para aprender a nadar, pescadas em peneiras. Tempo de fogueira para os santos de junho – Santo Antônio, São João, São Pedro. Depois os ventos de agosto, despaginando as nuvens, contavam histórias de monstros vestidos de algodão, entre pipas. Tempo ainda de passeios mato adentro [...]

E na boca da noite a roda rodava no quintal, cheia de cantigas [...]

A infância brincava [...] Nossos pais [...] liam o destino do tempo escrito no movimento das estrelas, na cor das nuvens, no tamanho da Lua, na direção dos ventos [...]

O mundo não estava dividido em dois [...] As emoções eram de todos. (QUEIRÓS, 1989, p. 6-7)

Conforme podemos perceber, o narrador se integra à paisagem do seu texto,

*A linguagem do escritor, dessa forma, é o espaço que concentra todas as imagens, é a ponte entre o real e imaginário. É por meio dela que são descritos os movimentos contínuos de descoberta entre o exterior e o interior [...].*

mediante o movimento de seus olhos, de suas mãos, de todo o seu ser – percepções empíricas e espaciais do corpo e do espírito. Isso acontece a partir da utilização de sinestias que conferem ao texto narrativo um caráter imagético potencializado pelas percepções que o narrador tem do espaço físico à sua volta com base nos cinco sentidos humanos – a visão, o tato, o olfato, o paladar e a audição –, atravessados pela emoção e imaginação. É ver o gado fugindo das águas da chuva, é sentir as águas nos banhos de rio, é sentir o cheiro dos pedacinhos de sabão perfumado deixados na beira do telhado, é sentir o gosto dos quitutes que a mãe preparava na cozinha, é ouvir as cantigas de roda na boca da noite. A linguagem do escritor, dessa forma, é o espaço que concentra todas as imagens, é a ponte entre o real e imaginário. É por meio dela que são descritos os movimentos contínuos de descoberta entre o exterior e o interior, em um constante processo de cruzamento entre a exterioridade do narrado e a interioridade do sujeito que narra, entre o visto e o vivido, de modo que a paisagem, o sujeito, o corpo e a escrita interajam: olham-se, interpenetram-se e afetam-se.

Sob esse viés, o narrador de *Indez*, como quem observa fotografias retiradas de um álbum de família, tem um olhar lento sobre tudo, pois se volta para os espaços íntimos para descrevê-los com muito afeto. Estes são descritos, minuciosamente, como um ambiente harmonioso, em que “nada crescia fora do lugar” (QUEIRÓS, 1989, p. 11), no “justo trato” (QUEIRÓS, 1989, p. 11) com a natureza, os mamões eram divididos com os pássaros. Mesmo as roupas estendidas no varal desempenhavam funções na paisagem: indicar a direção dos ventos e colorir o campo verde. É nesse contexto que a casa, embora simples (“cajada em branco, ela **acolhia** o vento, o sol, a lua, a família. [...]”), se corporifica, pois pertencia à paisagem, “parecia nascida ali entre mangueiras e o córrego cantando no quintal, molhando pés de jabuticabas” (QUEIRÓS, 1989, p. 10-11, **negrito** nosso). Como podemos perceber, a paisagem é acolhedora e tudo a sua volta mostra-se em perfeita harmonia em um tempo seguro.

A infância de Antônio, marcada pelas brincadeiras daquele tempo e espaço social, é também configurada pela paisagem, na qual menino e ambiente se enamoram,

MESQUITA, E.

servindo de retrato do “moleque” de interior:

Crescido em idade e ganhando em esperteza, Antônio corria com os irmãos pelos matos, caçando boizinhos-de-são-caetano, milho-de-grilo, pitanga, juá-doce, gabirola, maria-preta. Subia pelas árvores até os galhos mais finos, balançavam-se por sobre as tantas porteiras, saltava cercas, com tição e brasa, atrás de vaga-lumes. (QUEIRÓS, 2001, p. 27)

Nessa viagem ao passado, o narrador de *Indez* nos convida a perceber, juntamente com o protagonista Antônio, as paisagens vividas e, junto com elas, as sensações experimentadas pelo *narrador-menino-autor*. Nesse trajeto, a paisagem literária alcança significativa importância, pois, como local de manifestação da cultura, é, enfim, produto de fenômenos de encontros: cultura e natureza, olhar e horizonte, pensamento e ação, quem vê e quem é visto. A paisagem, então:

[...] aparece, assim, como uma manifestação exemplar da multidimensionalidade dos fenômenos humanos e sociais, da interdependência do tempo e do espaço e da interação da natureza e da cultura, do econômico e do simbólico, do indivíduo e da sociedade. A paisagem nos fornece um modelo para pensar a complexidade de uma realidade que convida a articular os aportes das diferentes ciências do homem e da sociedade (COLLOT, 2013, p. 12).

## REFERÊNCIAS

COLLOT, Michel. **Poética e filosofia da paisagem**. Organização da tradução: Ida Alves. Rio de Janeiro: Oficina Raquel, 2013.

QUEIRÓS, Bartolomeu Campos de. **Indez**. Belo Horizonte: Miguilim, 1989.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1988.

## SOBRE A AUTORA:

**Eneide Mesquita** é mestrandia em Literatura Brasileira pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), especialista em Literatura Infantojuvenil e graduada em Letras pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Também trabalha como professora da rede municipal de ensino de Itaboraí.